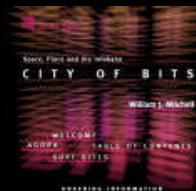


## As Novas (Sub)Urbanidades da Era Digital

*"...And when high-speed, digital telecommunications systems succeed the telegraph and the telephone, you get socially significant changes in everyday interactions."*

No livro E-Topia, William Mitchell, Professor de Arquitectura, na School of Architecture and Planning do MIT (Massachusetts Institute of Technology) advoga que, tal como aconteceu com a introdução das redes de águas e esgotos nas cidades da antiguidade, ou com a introdução da rede eléctrica nas cidades do século XIX, a cidade contemporânea está a sofrer transformações drásticas e irreversíveis com a integração das redes digitais. Do seu ponto de vista, a problemática da qualificação do ambiente urbano do século XXI reside assim, fundamentalmente, na ubiquidade das redes de telecomunicações, combinada com a inevitabilidade da consequente redefinição dos sistemas de abastecimento de água, tratamento de resíduos, energia, transportes, etc. Neste contexto de cidades servidas e ligadas globalmente, configura-se o panorama da **"community without propinquity"**, que, inevitavelmente, transformará os padrões sociais urbanos tradicionais.



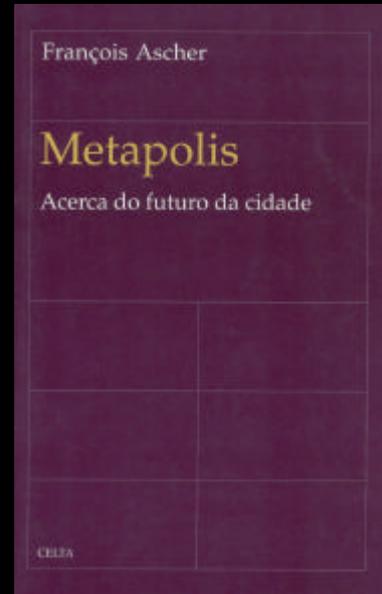
Tal como Alvin Toffler, já em 1980, previa no seu livro "A Terceira Vaga", a vulgarização das novas tecnologias de informação está a expulsar os trabalhadores das fábricas e dos escritórios, onde a Segunda Vaga os concentrou, para criar **uma nova polarização em torno da casa, transformada, assim, no centro da sociedade.**

Por outro lado, conforme Mitchell explicita em "City of Bits", os sistemas de telecomunicações substituem os sistemas de circulação e a informação digital como que decompõe os edifícios tradicionais:

- Bookstores / Bitstores
- Galleries / Virtual Museums
- Schoolhouses / Virtual Campuses
- Hospitals / Telemedicine
- Prisons / Electronic Supervision Programs
- Banking Chambers / ATMs
- Trading Floors / Electronic Trading Systems
- Department Stores / Electronic Shopping Malls
- Work / Net-Work



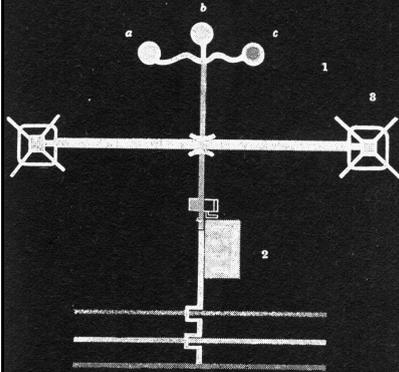
"Por vezes, apercebemo-nos mal das dimensões urbanas destas técnicas, em particular daquelas que são utilizadas de forma mais quotidiana. Tomemos o exemplo do frigorífico: constituiu um dos instrumentos da transformação dos campos e das cidades. Juntamente com o automóvel, contribuiu para a emergência de um novo modo de vida citadina e de novas estruturas económicas e urbanas. Com efeito, a possibilidade de passar de um ritmo de abastecimento quase quotidiano para um ritmo semanal contribuiu para o desenvolvimento do habitat periurbano e das grandes superfícies comerciais, para a concentração da distribuição e para o recuo do pequeno comércio nos centros e nos bairros, para a transformação dos circuitos e dos modos de abastecimento das cidades, para a industrialização agro-alimentar, para as mutações da agricultura e dos campos... Com certeza que o frigorífico não modificou, por si só, a nossa sociedade, tendo sido, no entanto, um instrumento importante das dinâmicas socioeconómicas."



Neste sentido, conforme sublinha François Ascher, não devemos concentrar a nossa atenção no impacto das novas tecnologias da informação sobre a Arquitectura e o Urbanismo mas fundamentalmente nas interacções que entre elas se estabelecem.

No lugar de estarmos a debater as novas (sub) urbanidades **da** era digital, deveríamos sim falar das novas (sub) urbanidades **na** era digital, uma vez que as tecnologias aparecem neste panorama, não como elementos exteriores que incidem sobre um qualquer modelo civilizacional, mas pelo contrário como algo **i n t r í n s e c o a o p r ó p r i o s i s t e m a .**

Principes généraux



Segundo os princípios modernistas a organização do espaço corresponde, ainda ao *analogon* setecentista - tanto a casa como a cidade são pensadas como uma machine à habiter.

Os sistemas de comunicação ferroviária e rodoviária e as relações entre casa, bairro e cidade são pensadas não como uma unidade mas mas como articulações entre parcelas funcionais.

ne Unité « de grandeur conforme »

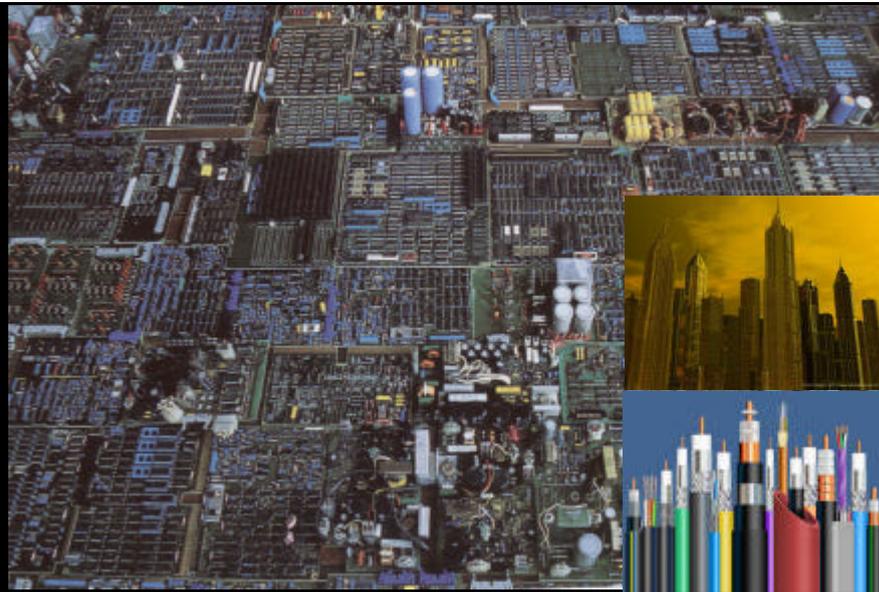
- Habiter
  - Travailler
  - Se cultiver
- a Cité-jardin horizontale
  - b Cité-jardin verticale
  - c Les prolongements du logis



Antonio Sant'Elia, 1914



Aluno do 1º do Curso de  
Arquitetura, 2003



Se atendermos a que William Mitchell praticamente não se refere à questão social, ou ambiental implícita nesta transformação, compreendemos que, no seguimento da tradição *moderna*, apesar da nova roupagem tecnológica, o *analogon* setecentista é ainda a referência.

# FILOSOFIA

¥€\$

“Depois da degradação dos centros das cidades, transformados em guetos, verifica-se agora a deterioração das cidades como centros regionais (...) Sinal precursor de uma iminente desurbanização “pós-industrial”, este êxodo deverá atingir todos os países desenvolvidos (...) A antiga aglomeração desapareceria então, a par com a aceleração intensa das telecomunicações, para dar origem a um novo tipo de concentração: a de uma domiciliação sem domicílio, onde os limites da propriedade, os espaços fechados e os limites não serão tanto derivados da existência de um obstáculo físico permanente, mas antes, de uma interrupção de emissão ou de uma zona electrónica de sombra (...)”

VIRILIO, Paul, *L'Espace critique*, Éditions Christian Bourgois, Paris, 1984

“ Ela (a arquitectura) está condenada a reflectir a cultura do período. Ela é a visível evidência do seu próprio tempo e das preocupações e aspirações da sua própria geração.”

NOUVEL, Jean, “ Jean Nouvel in conversation - tomorrow can take care of itself ”, *Architectural Design*, vol. 63, nº 7 / 8, Julho-Agosto de 1993, p.10

“A comunicação é informação,  
e  
a informação é consciência”

PIANO, Renzo, “Entrevista”, in AAVV, *Arquitectura Sostenibles*, Editorial Gustavo Gili, 1998, p.62.

“(…)situação curiosa da globalização é que ela se por um lado inter-relaciona tudo, por outro, ela estabelece de um modo claro e directo todas as diferenças”.

KOOLHAAS, Rem, “ À procura de um novo modernismo ”, in *Domus*, nº 800, 1998, p.40





